
REVISTA TAKA'A

RESISTÊNCIA CULTURAL E INOVAÇÃO LINGUÍSTICA EM SATERÉ-MAWÉ: UM REGISTRO DOS NEOLOGISMOS DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

CULTURAL RESISTANCE AND LINGUISTIC INNOVATION IN SATERÉ- MAWÉ: A RECORD OF THE NEOLOGISMS FOR PUNCTUATION MARKS

José de Oliveira dos Santos Silva
Universidade de Brasília (UnB)
<https://orcid.org/0000-0001-5566-5577>
josesatere.neki@gmail.com

Denize de Souza Carneiro
Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)
<https://orcid.org/0000-0003-0980-8359>
dchiarretta@hotmail.com

RESUMO

Este artigo visa registrar o processo de criação de neologismos para os sinais de pontuação na língua Sateré-Mawé. Com a adoção da escrita e a gramatização das línguas indígenas, surge a necessidade de novos termos, como os nomes dos sinais de pontuação, que agora fazem parte da história cultural desse povo. A criação dessa terminologia foi uma estratégia adotada por professores e lideranças Mawé para fortalecer sua língua e a cultura. O processo ocorreu durante a elaboração da gramática pedagógica *Sateré-Mawé Pusu Aḡkukaḡ*, autoria dos professores desse povo. Este relato tem o objetivo de compartilhar essa experiência, oferecendo aos jovens e professores que não participaram do processo a oportunidade de conhecer a iniciativa, além de inspirar outros povos indígenas a valorizarem suas línguas, rejeitando a imposição das línguas dominantes. Apresentamos os nomes criados, as estratégias utilizadas na sua elaboração e o contexto que permeia esse processo de resistência linguística.

Palavras-Chave: Língua Sateré-Mawé; Neologismos; Sinais de pontuação.

ABSTRACT

This article aims to record the process of creating neologisms for punctuation marks in the Sateré-Mawé language. With the adoption of writing and the grammatization of indigenous languages, there is a need for new terms, such as the names of punctuation marks, which are now part of the cultural history of this people. The creation of this terminology was a strategy adopted by Mawé teachers and leaders to strengthen their language and culture. The process took place during the preparation of the pedagogical grammar Sateré-Mawé Pusu Aḡkukaḡ, authored by the teachers of this people. The aim of this report is to share this experience, offering young people and teachers who were not involved in the process the opportunity to learn about the initiative, as well as inspiring other indigenous peoples to value their languages, rejecting the imposition of dominant languages. We present the names created, the strategies used in their elaboration and the context that permeates this process of linguistic resistance.

Keywords: Sateré-Mawé language; Neologisms; Punctuation marks.

Palavras iniciais

A introdução da cultura *escrita*¹ entre os povos indígenas no Brasil remonta ao período colonial, intensificando-se com a implementação de escolas em aldeias, especialmente nas décadas de 1960 e 1970. Inicialmente, esse processo foi marcado pela imposição da escrita alfabética como instrumento de poder e controle, sendo utilizada pela Igreja e pelo Estado para difundir suas ideologias e consolidar formas de dominação. No entanto, ao longo do tempo, muitos povos indígenas passaram a ressignificá-la, reivindicando *a escrita* – seja em português ou em suas línguas indígenas – como ferramenta essencial para transitar pelas complexas dinâmicas do mundo pós-contato, incluindo a comunicação com órgãos governamentais e a defesa de seus direitos. Assim, a escola passou a ser vista não apenas como espaço de imposição cultural, mas também como meio de fortalecimento da identidade indígena por meio do acesso à leitura e à escrita, em seus diferentes usos e propósitos (Neves, 2009).

Nas comunidades indígenas, *a escrita* – tanto em português quanto em línguas indígenas – ocupa um papel dinâmico e multifacetado. Para além de seu uso funcional em registros administrativos e correspondências, tem sido incorporada como forma de expressão cultural,

¹ Referimo-nos à *escrita*, neste contexto, como um processo mais amplo de introdução da escrita alfabética entre os povos indígenas, independentemente de língua específica. Antes do contato com a cultura ocidental, muitas sociedades indígenas no Brasil não dispunham de sistemas de escrita alfabética, recorrendo predominantemente à oralidade para a transmissão de saberes e práticas. No entanto, isso não significa a ausência de tradições gráficas, uma vez que diversos povos registravam sua memória social por meio de pinturas rupestres, inscrições em cerâmicas, grafismos em tecidos e tatuagens, evidenciando formas próprias de representação.

permitindo a transcrição de narrativas orais, a produção de materiais didáticos bilíngues e até mesmo manifestações literárias, como a literatura de cordel em algumas regiões. Se no passado a escrita foi percebida por alguns estudiosos e indigenistas como um “mal necessário”, hoje é compreendida como instrumento de fortalecimento e autonomia, possibilitando aos povos indígenas ampliar suas formas de comunicação, registrar seus saberes e afirmar suas identidades diante das pressões externas (Neves, 2009).

A Constituição de 1988 impulsionou ações de revitalização das línguas indígenas, fortalecendo os direitos dos povos originários e promovendo a valorização das culturas nativas. Esse movimento abrange a criação de novos sistemas de escrita, a formulação de neologismos e outras iniciativas voltadas para a autonomia linguística frente à influência das línguas dominantes. Para muitos indígenas e indigenistas, escrever em sua própria língua não é apenas meio de comunicação, mas ato de resistência essencial para a preservação cultural e o fortalecimento identitário em um mundo globalizado.

Neste artigo, apresenta-se uma iniciativa de valorização etnolinguística do povo Sateré-Mawé² (ou Mawé), protagonizada por professores indígenas, que resultou na criação de neologismos para os sinais de pontuação na língua nativa. Essa ação, concebida como estratégia de resistência, integra o processo de elaboração da gramática pedagógica³ *Sateré-Mawé Pusu Aḡkukaḡ* “A estrutura da língua Sateré-Mawé”. Fundamentado principalmente na experiência de um dos autores, que participou ativamente da criação dos neologismos, este relato visa tornar essa iniciativa visível para os membros do povo, especialmente para os professores mais jovens que não acompanharam a construção dessa gramática. O objetivo é que compreendam as motivações por trás dessa criação e reflitam sobre a importância de fortalecer a língua Sateré-Mawé⁴.

O artigo está estruturado em três seções, além das palavras iniciais e finais. Na primeira seção, contextualizam-se as ações de valorização etnolinguística do povo Sateré-Mawé

² O povo Sateré-Mawé é um povo de língua e cultura Tupi. Habita a região do médio rio Amazonas, mais precisamente a Terra Indígena Andirá-Marau, localizada no Estado do Amazonas, divisa com o Pará e sua população atual é de cerca de 17 mil pessoas.

³ Trabalho organizado por Franceschini (2005).

⁴ A língua Sateré-Mawé (ou Mawé) foi classificada por Aryon Rodrigues (1994) como a única língua da família linguística Mawé, pertencente ao tronco Tupi. Apesar do contato com outros grupos e culturas há mais de 400 anos, a língua materna desse povo ainda é falada por cerca de 80% da população Sateré-Mawé (Peixoto; Franceschini, 2012).

(conforme Franceschini, 2011). Na segunda seção, discutem-se algumas noções sobre neologismo, com base nas contribuições de Alves (2007, 2020), Correia e Almeida (2012) e Cyrino (2022). Por fim, na terceira seção, apresentam-se os neologismos criados para os sinais de pontuação na língua Sateré-Mawé, mostrando-se as razões que levaram os professores a formulá-los.

1 Contextualizando a experiência de criação de neologismos

A criação de neologismos para os sinais de pontuação na língua Sateré-Mawé faz parte de um amplo esforço de valorização e fortalecimento linguístico que tem sido empreendido por professores e lideranças Mawé. Esse processo surgiu da necessidade de consolidar a escrita da língua nas escolas e de produzir materiais pedagógicos adequados à realidade do povo.

Nos anos 1990, os Sateré-Mawé enfrentavam grandes desafios na educação escolar indígena, uma vez que as crianças eram alfabetizadas exclusivamente em português, uma língua que não dominavam (Franceschini, 2011). Para transformar essa realidade, foi implementado um modelo de ensino que priorizava a alfabetização na língua materna, reservando o português para as séries mais avançadas. No entanto, tornou-se evidente que, para assegurar uma escrita coesa e eficiente, era fundamental nomear e definir, na língua, termos metalinguísticos, incluindo os sinais de pontuação, permitindo sua incorporação aos materiais didáticos produzidos.

Inspirados na metodologia da pesquisa-ação, conforme Thiollent (1994), foram discutidos coletivamente a criação de termos para esses sinais e outros conceitos gramaticais. Neste texto, abordam-se exclusivamente os neologismos relacionados aos sinais de pontuação. O objetivo não foi simplesmente adaptar palavras do português ou “satererizar” os termos já existentes, mas criar denominações que refletissem a lógica e a cosmovisão Mawé, tornando-as intuitivas e significativas para os falantes.

Sob a coordenação da linguista Dulce Franceschini, foram realizados encontros e oficinas com professores, lideranças e falantes fluentes para refletir sobre as funções dos sinais de pontuação e como representá-los na língua. Esse processo não apenas contribuiu para a escrita da língua, mas também reafirmou a autonomia linguística.

Os neologismos criados foram introduzidos pela primeira vez na gramática pedagógica Sateré-Mawé Pusu Aḡkukaḡ (“A estrutura da língua Sateré-Mawé”), autoria de professores Mawé. A gramática está estruturada em duas partes principais: a primeira, dedica-se ao sistema de escrita da língua, enquanto a segunda trata das diferentes classes de palavras. Como estratégia de fortalecimento linguístico, decidiu-se elaborar essa gramática e outros materiais didáticos exclusivamente em Sateré-Mawé. A escolha foi motivada pela observação de que muitos jovens tendiam a negligenciar a leitura na língua nativa ao terem acesso a textos bilíngues, preferindo o português.

Ao criarem neologismos para a escrita e para explicar o funcionamento da sua língua, os Mawé deram um importante passo para a valorização e o fortalecimento do Sateré-Mawé.

2. Neologismo: algumas noções gerais

A criação de palavras e os processos que resultam em neologismos refletem a constante evolução das línguas em resposta às mudanças culturais, sociais e tecnológicas. Segundo Alves (2007), o processo de criação lexical é denominado *neologia*, e os elementos resultantes, as novas palavras ou significados, são chamados de *neologismos*. Segundo essa autora, os neologismos podem surgir de duas maneiras principais: por *neologismos formais* que introduzem novas formas linguísticas no léxico de uma língua e por *neologismos semânticos* que atribuem novos significados a palavras já existentes em uma dada língua.

Correia e Almeida (2012) destacam que a neologia é a capacidade de uma língua em criar e incorporar novas unidades lexicais, as quais são classificadas em três tipos principais: *neologia denominativa* - motivada pela necessidade de nomear novas realidades, como tecnologias ou conceitos; *neologia estilística* - usada para expressividade criativa, mas geralmente efêmera; *neologia de língua* - que atualiza regras regulares e previsíveis (como na criação de adjetivos em português com o morfema *-ável*).

Segundo Alves (2020), a identificação de neologismos é um processo desafiador, principalmente devido à percepção subjetiva de novidade, que pode variar entre os falantes. Para abordar essa dificuldade, a autora propõe critérios baseados nas contribuições de Cabré (1993) e Sablayrolles (2017), entre os quais se destacam:

- *Diacronia*: identificação de palavras cuja origem remonta a um período histórico recente.
- *Lexicografia*: ausência da palavra nos dicionários gerais da língua.
- *Instabilidade sistemática*: ocorrência de flutuações formais, semânticas ou sintáticas.
- *Parâmetro psicológico*: reconhecimento da novidade por parte dos falantes.

Alves (2020) incorpora o conceito de *corpus de exclusão*, desenvolvido por Boulanger (1978), como uma metodologia para a identificação de neologismos. Nesse modelo, uma unidade lexical é considerada neológica se não for encontrada em textos reais analisados em *corpora* amplos e representativos. Em outras palavras, o *corpus* funciona como uma base de referência para determinar a novidade de uma palavra. Esse método complementa critérios como a ausência em dicionários e a percepção de novidade pelos falantes, trazendo maior objetividade e precisão ao processo de identificação de neologismos.

Os processos de formação de neologismos variam entre as línguas, mas algumas estratégias são amplamente utilizadas e recorrentes. Em português, por exemplo, destacam-se a prefixação e a sufixação, processos produtivos que permitem a criação de termos como *hiperconectado*, nos quais os afixos adicionam significados específicos à base lexical (Cyrino, 2022).

A composição também desempenha um papel importante, como na formação de palavras compostas, a exemplo de *quebra-cabeça* (Cyrino, 2022). Além disso, empréstimos linguísticos refletem influências culturais e tecnológicas, trazendo termos como *delivery* para o vocabulário.

Outro processo frequente é o truncamento, que consiste na redução de formas mais longas, como em *finde*, derivado de “fim de semana”. Cyrino (2022) ressalta ainda as formas não concatenativas de criação lexical, que não envolvem a simples adição de afixos, mas alterações internas na estrutura da palavra, como a supleção observada em *vou* e *fui*. Essas estratégias, comuns em línguas como o georgiano e o português, evidenciam a complexidade e a diversidade dos mecanismos de inovação lexical.

Os neologismos desempenham um importante papel no registro das transformações socioculturais, funcionando como reflexos diretos das mudanças no comportamento, nas práticas e nos valores de uma sociedade. Alves (2007) e Correia e Almeida (2012) destacam

que esses novos termos não apenas enriquecem o léxico, mas também acompanham e traduzem inovações sociais. Por exemplo, palavras como *cicloativismo* emergem em resposta a movimentos voltados para a mobilidade sustentável, enquanto prefixos como *multi-*, *tele-* e *co-* se tornam marcadores linguísticos das mudanças na organização do trabalho e na interação social, como em *telemedicina* e *co-terapia* (Alves, 2020). Esses prefixos não só ampliam as possibilidades expressivas da língua, mas também refletem tendências e preocupações contemporâneas.

Cyrino (2022) complementa essa perspectiva ao destacar que os processos de derivação e a escolha de afixos são moldados pelas demandas culturais, permitindo que a gramática da língua incorpore e adapte novos significados. Assim, os neologismos não são apenas inovações lexicais; são também testemunhos das dinâmicas culturais e históricas que moldam as sociedades.

3. Neologismos dos sinais de pontuação em Sateré-Mawé

A criação de novos termos para aspectos gramaticais e textuais em Sateré-Mawé reflete uma estratégia de resistência cultural e fortalecimento da identidade linguística do povo Mawé. Ao invés de adotar palavras adaptadas do português, como era frequentemente praticado, os professores decidiram desenvolver termos próprios, originados da língua Sateré-Mawé, por meio de um processo coletivo de decisão. Essa prática remonta à ancestralidade do povo Sateré-Mawé, que historicamente se reunia para decidir nomes significativos, como os de lugares e outros elementos fundamentais para a vida cotidiana. Como expressado por Nek'i Satere Moi (2024)⁵:

Para nomear, decidir os trabalhos ou criar nomes, nossos ancestrais sempre se reuniam. Por exemplo, para nomear a terra, o timbó e outros. Então, para criar os nomes que aparecem na nossa gramática, foi assim também que fizemos. Escolhemos nomes não só para os sinais de pontuação, mas também para as vogais, consoantes e outros. Digo que tudo isso foi como política de resistência, mas também pela necessidade de ter esses termos na nossa língua.

⁵ Informação oral obtida, informalmente, em dezembro de 2024.

Esse processo de nomeação evidencia a decisão unânime dos professores em não continuar utilizando palavras adaptadas do português, uma vez que isso não representava a autonomia linguística que desejavam. Embora alguns membros do povo resistissem à mudança, preferindo manter os termos adaptados, os professores se mantiveram firmes em sua postura, reafirmando a importância de criar termos próprios como forma de resistência cultural e linguística.

A criação dos novos termos metalinguísticos foi um processo desafiador, uma vez que já existiam termos portugueses satererizados em uso, como *pondu* para ‘ponto’ e *wikula* para ‘vírgula’. Contudo, os professores das três regiões da Terra Indígena Andirá-Marau tomaram uma posição política firme em favor da língua Sateré-Mawé.

As denominações dos sinais de pontuação em Sateré-Mawé foram selecionadas por meio de um processo de *neologia semântica* (cf. Alves, 2007), no qual palavras já existentes na língua recebem novos significados para atender à função de cada sinal na escrita. Esse processo permite que vocábulos do léxico ganhem uma nova dimensão, adaptando-se ao contexto textual.

A seguir, são apresentadas as inspirações e lógicas que orientaram as escolhas para cada sinal de pontuação.

Tiḡ (.) ‘ponto’

O ponto foi denominado *tiḡ* [ˈtiŋ], um termo já presente no léxico Sateré-Mawé para designar manchas pretas redondas que surgem no corpo, na madeira, em frutas e outros objetos. A escolha foi baseada na semelhança visual entre essas manchas circulares e a função do ponto na escrita, que indica o encerramento de uma ideia ou frase.

Pekin (,) ‘vírgula’

A *vírgula* recebeu o nome *pekin* [peˈkiŋ], inspirado pelo movimento de retirar pequenos objetos do corpo, como parasitas e espinhos, fazendo uma espécie de meia lua com a unha. Essa associação reflete a função da vírgula de separar e delimitar partes do texto, marcando pequenas pausas ou interrupções na leitura.

Tiḡ pekin (;) ‘ponto e vírgula’

O nome do *ponto e vírgula* foi formado pela composição dos termos já estabelecidos *tiḡ* (‘ponto’) e *pekin* (‘vírgula’), resultando em *tiḡ pekin* [‘tiḡ pɛ’kiŋ]. A escolha seguiu a lógica de combinar os significados dos sinais individuais para representar a função híbrida do ponto e vírgula: uma pausa mais forte que a vírgula, mas mais leve que o ponto.

Tytiḡ (:) ‘dois pontos’

Para os *dois pontos*, foi adotado o nome *tytiḡ* [ti’tiḡ], uma composição do numeral *typy* (‘dois’) e *tiḡ* (‘ponto’). Essa construção reflete a característica visual do sinal, composto por dois pontos alinhados verticalmente, introduzindo um item ou explicação.

Myetiḡ (...) ‘reticências’

As *reticências* foram nomeadas *myetiḡ* [mie’tiḡ], utilizando a mesma estratégia de composição que uniu o numeral *myeʔym* (‘três’) ao nome *tiḡ* (‘ponto’). A escolha segue o princípio dos dois pontos, destacando a sequência de três pontos usados na escrita para indicar uma pausa prolongada, sugestiva de omissão ou continuidade.

Pina (?) ‘ponto de interrogação’

O *ponto de interrogação* foi denominado *pina* [pi’na], que significa ‘anzol’ em Sateré-Mawé. A escolha desse termo se baseia na semelhança visual entre o sinal gráfico e o anzol, um objeto tradicionalmente presente no cotidiano Mawé, especialmente relacionado à pesca. Assim como o anzol, que é usado para capturar ou fisgar o peixe, o ponto de interrogação busca “capturar” uma resposta ou reflexão do interlocutor.

Moʔyha (!) ‘ponto de exclamação’

O *ponto de exclamação* foi nomeado *moʔyha* [mɔ’ʔiha], que significa ‘bengala’ em Sateré-Mawé. A escolha desse termo foi inspirada na bengala tradicionalmente usada pelos

anciãos do povo, devido à semelhança de sua forma com o ponto de exclamação. Assim, o termo *moʔyha* adquire, neste contexto, um novo significado, passando a designar também o ponto de exclamação, cuja função é chamar a atenção para algo importante ou exclamativo.

Pāʔyp (—) ‘travessão’

A nomeação do sinal de pontuação *travessão* em Sateré-Mawé seguiu a mesma lógica visual que orientou a criação de outros termos de pontuação. Inspirados pela semelhança entre o sinal gráfico e o travessão estrutural de uma casa, os professores escolheram o termo já existente na língua, *paʔyp* [pa:ʔipʔ], que significa ‘travessão’. A escolha reflete a função de ligação ou separação, típica do travessão na escrita.

Ywai (-) ‘hífen’

O *hífen* em Sateré-Mawé foi nomeado *ywai* [iwəj], que significa ‘ponte’. Essa escolha se deu pela associação entre a função de ligação desempenhada tanto pelo hífen quanto pelas pequenas pontes, que conectam dois pontos. Assim como uma ponte une locais, o hífen une elementos linguísticos, criando uma conexão entre palavras ou sílabas.

Apyẽhup koʔi (“ ”) ‘aspas’

As *aspas* foram nomeadas *apyẽhup koʔi* [apiʔẽhupʔ koʔi], em referência a um tipo de cogumelo que cresce nas árvores de *camaan*, um cipó típico da região. Esse cogumelo, além de lembrar as aspas pela sua forma, é tradicionalmente consumido pelos Sateré-Mawé, especialmente por mulheres em períodos de resguardo (durante a menstruação e o puerpério). A escolha reflete uma conexão cultural entre a linguagem e os elementos da vida cotidiana.

3.1 Estratégias de criação dos neologismos dos sinais de pontuação

Os neologismos podem surgir por meio de dois processos principais: a *neologia formal*, que envolve a criação de novas palavras por meio de modificações fonológicas, morfológicas ou lexicais, e a *neologia semântica*, que ocorre quando palavras já existentes na língua adquirem

novos significados (Alves, 2007). No caso dos sinais de pontuação em Sateré-Mawé, predomina a *neologia semântica*, pois os termos escolhidos já possuíam significados na língua, mas foram ressignificados para representar novos conceitos gramaticais.

Conforme Correia e Almeida (2012), trata-se de uma *neologia denominativa*, ou seja, da criação de novas designações para conceitos que antes não possuíam equivalentes na língua. Essa nomeação surgiu da necessidade de adequar o ensino da escrita em Sateré-Mawé, permitindo que os alunos compreendessem os sinais de pontuação sem recorrer a termos emprestados do português.

Tais neologismos se baseiam, principalmente, nos *critérios lexicográfico e diacrônico* (Alves, 2020). O primeiro indica que esses termos não estão registrados em dicionários da língua, enquanto o segundo confirma sua criação recente, sem registros em períodos anteriores. Além disso, a aceitação desses termos entre os falantes mais jovens e professores reforça sua integração ao sistema linguístico, alinhando-se ao *critério psicológico* de Louis Guilbert (ecoado por Alves, 2020), que considera a percepção de novidade pelos falantes um elemento fundamental na identificação de neologismos.

A estratégia de nomeação adotada também se alinha às práticas tradicionais dos Sateré-Mawé, que historicamente se reúnem para decidir denominações significativas, como as de lugares e elementos da vida cotidiana (*demanda cultural*, conforme Cyrino, 2022). Essa abordagem comunitária fortalece o pertencimento e a continuidade das práticas linguísticas e culturais.

Portanto, a criação de neologismos para os sinais de pontuação não se limita a uma questão didática, mas reflete um movimento de reafirmação *da soberania linguística dos Sateré-Mawé*. Ao escolher termos baseados em referências pré-existentes na língua e na cultura, o povo reafirma sua autonomia, evita a dependência do português e fortalece a transmissão intergeracional da língua Sateré-Mawé.

Considerações finais

O processo de criação lexical para os sinais de pontuação em Sateré-Mawé demonstra a força do etnolinguismo como ferramenta de resistência e preservação cultural. Os neologismos

apresentados neste artigo vão além de uma mera adaptação ao uso da escrita: eles representam uma reafirmação da autonomia cultural e linguística do povo Mawé, além de reforçarem a importância da coletividade como princípio estruturante de suas práticas sociais e pedagógicas.

Ao optar por estratégias que privilegiem os recursos de sua língua e cultura, o povo Sateré-Mawé não apenas desafia a influência histórica do português, mas também promove uma reflexão mais ampla sobre os impactos da colonização linguística nas línguas indígenas. A rejeição de termos do português “satererizados” e a escolha por novos termos criados a partir de suas próprias referências culturais mostram que o fortalecimento de uma língua não se limita à sua sobrevivência enquanto código de comunicação, mas envolve também a valorização de saberes ancestrais.

Além disso, o registro deste processo oferece subsídios valiosos para iniciativas semelhantes entre outros povos indígenas, promovendo o intercâmbio de experiências e fortalecendo redes de resistência linguística. A gramática pedagógica *Sateré-Mawé Pusu Aḡkukaḡ*, na qual esses neologismos estão inseridos, materializa esse esforço, sendo não apenas um instrumento de ensino, mas também um marco histórico para a língua e para a cultura Sateré-Mawé.

Por fim, ao documentar essas criações e suas motivações, este artigo contribui para a continuidade do debate sobre as relações entre língua, identidade e resistência, oferecendo uma perspectiva que celebra a capacidade dos povos indígenas de adaptar-se às demandas do mundo contemporâneo sem abrir mão de suas raízes. É um testemunho de que a revitalização linguística é, sobretudo, uma expressão de autodeterminação e resiliência cultural.

Referências

ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 2007.

ALVES, I. M. O que nos ensinam os estudos sobre a neologia do português brasileiro? Conferência apresentada por Ieda Maria Alves [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (1h 41m 45s). **Associação Brasileira de Linguística**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KzC6yyJ_PYg&t=4444s. Acesso em: 21 de julho 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 fev. 2025.

BOULANGER, J-C. Néologie et terminologie. **Néologie en marche**, Montreal, série B, Langues de spécialités, n. 4, p. 5-127, 1978.

CORREIA, M.C.; ALMEIDA, G. M. de B. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, 112p.

CYRINO, J.P.L. Como são criadas as palavras novas de uma língua?. *In*: OTHERO, Gabriel de Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento. (Org.). **O que sabemos sobre a linguagem**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2022. p. 143-148.

FRANCESCHINI, D. do C.; PEIXOTO, V. N. Criação de uma terminologia gramatical em sateré-mawé. *In*: **Anais Eletrônico do 2º CIELLI** - Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários e **5º CELLI** - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. Maringá, PR, 2012.

FRANCESCHINI, D. do C. Línguas indígenas e português: contato ou conflito de línguas? Reflexões acerca da situação dos Mawé. *In*: SILVA, S. S. (Org.). **Cenários de bilinguismo no Brasil**. Campinas: Pontes, 2011. p. 41-72.

FRANCESCHINI, D. do C. (Org.). **Satere-Mawe pusu aḡkukaḡ**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005, 83p.

NEVES, J. G. **Cultura escrita em contextos indígenas**. 2009.369 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Programa de Pós-Graduação de Doutorado em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara/SP, 2009.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das Línguas Indígenas**. São Paulo: Loyola, 1994. 134 p.

Histórico

Submetido: 09 de Fevereiro de 2025.

Aprovado: 20 de Fevereiro de 2025.

Publicado: 21 de Fevereiro de 2025.

Licença de Uso

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito deve ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.

